

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA E FISIOTERAPIA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

DANIELLE SILVEIRA CAPPELLETTI



A DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR:
a arte permeando a construção do ser



Porto Alegre

2016

DANIELLE SILVEIRA CAPPELETTI

**DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR:
A arte permeando a construção do ser**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Paludo.

Porto Alegre

2016

DANIELLE SILVEIRA CAPPELLETTI

**DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR:
A arte permeando a construção do ser**

Conceito Final:

Aprovado em de de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann - UFRGS

Orientadora – Profa. Dra. Luciana Paludo

AGRADECIMENTOS

Agradeço com grande carinho aos seres que acompanham minha construção desde que me fizeram ser vivo, que me ensinam dia-a-dia a ser mais vivo, cheio de amor e sonhos dos quais me incentivam a ir atrás, meus pais Claudio Cappelletti e Eliete Fraga.

Ao ser que nasceu para eu amar, cuidar, proteger e acompanhar, mas que hoje faz isso por mim também, além de aguentar os chilikues e chatices da irmã mais velha, meu irmão Eduardo Cappelletti.

À minha família pelo carinho de sempre, e em especial, a minha parceira que mesmo longe está sempre por perto me escutando e encorajando, Nathália Cappelletti.

À minha outra parte que me completa há mais de dez anos, pela amizade verdadeira da qual não abro mão, Fernanda Oliveira.

Ao Drama Club, pelo companheirismo, conversas, risadas, afeto, noites divertidas e troféus melhores do ano: Alécia Chaves, Aline Motta, Fernanda Oliveira, Gabrielle Fraga, Silvana Claro.

Ao meu companheiro que me faz sentir os dois extremos em poucos segundos, por escutar minha subjetividade mesmo sendo uma loucura, pela relação de parceria e amor, Lorenzo Prates.

Ao tripé (assim nomeei) do ser professor, que levo comigo na construção do meu ser pessoa/docente/artista, por me ensinarem a ver o mundo com olhos de quem sonha um lugar melhor e mais humano, professores Jair Felipe, Luciana Paludo, Rubiane Zancan.

Aos seres com quem já dancei pela vida, por compartilharem corpo, movimento, sentimento ao dançar, pelas trocas e por acreditarem na arte.

A todos os seres que passaram por minha vida e que de alguma maneira fazem parte do que sou e do que serei, por me instigarem a pensar, refletir e sentir.

Ao todo, por me fazer ser parte e me dar diversas possibilidades de ser e que sendo me faço construtor ativo desse todo.

“Só somos porque estamos sendo.
Estar sendo é a condição, entre nós, para ser.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa tem como ponto de partida o olhar, o respiro e a reflexão sobre a educação, a arte/dança e a relação de ambas na construção do ser. Problematisa o lugar da educação na contemporaneidade, bem como, o lugar da arte no espaço escolar. A questão maior reside em perceber possibilidades da arte-educação como um potencializador de corpos vivos, ativos e conscientes de sua presença e participação na (re)invenção do mundo. Dessa maneira, parte-se da hipótese de que a educação das sensibilidades propostas pelo ensino da arte/dança no espaço escolar colabora para a construção individual e coletiva de cada ser, bem como propõe à observação as relações que estão imbricadas entre ambas. Para realizar a pesquisa, como metodologia, foi utilizada a revisão bibliográfica de autores que discutem esses temas. Também buscou-se estabelecer relações desses temas com vivências pessoais da pesquisadora, como discente, docente e artista. Assim, a ideia não é a proposição de uma solução diante aos temas debatidos, mas sinalizar o estado de um eterno processo de busca, visto que somos seres inventores deste lugar chamado escola. Dessa maneira, considera-se como possível o fato de criar perspectivas de mudanças, para construir uma educação mais humana.

Palavras-chave: Dança no espaço escolar. Arte Educação. Construção do Ser. Educação sensível.

ABSTRACT

This research has as a starting point the look, the respite and the reflection on the education, the art / dance and the relation of both in the construction of the being. It problematizes the place of education in the contemporary world, as well as the place of art in the school space. The major question lies in perceiving possibilities of art-education as a potentiator of living bodies, active and aware of their presence and participation in the (re) invention of the world. In this way, the hypothesis is that the education of the sensibilities proposed by the teaching of art / dance in the school space contributes to the individual and collective construction of each being, as well as proposing to observation the relations that are interwoven between the two. In order to carry out the research, as methodology, the bibliographical review of authors that discuss these subjects was used. It was also sought to establish relationships of these themes with personal experiences of the researcher, as a student, teacher and artist. Thus, the idea is not to propose a solution to the issues discussed, but to signal the state of an eternal search process, since we are inventors of this place called school. In this way, consider as possible the fact of creating perspectives of changes, to build a more humane education.

Keywords: Dance in the school space. Art Education. Construction of the Being. Sensitive education.

SUMÁRIO

SINTA-SE CONVIDADO(A)	9
1. DA ORDEM AO CAOS A TODO TEMPO	14
2. O DESPERTAR DO QUERER SER	20
3. SOBRE O DESENHAR DESSA FORMAÇÃO	27
4. PROCESSO DO RESPINGAR-SE...	33
5. A BONITEZA DA ARTE NO ESPAÇO ESCOLAR	37
ASSIM... ETERNA BUSCA	44
REFERÊNCIAS	48

SINTA-SE CONVIDADO(A)

Olá! Seja bem-vindo(a)! Este é um espaço reservado para o sonhar. Não somente para exercer tal ação no campo utópico do desejar, mas sim, em conjunto, enxergar e inventar possibilidades desse sonho vir a ser. A intenção é que se abram os olhos ao todo e a si mesmo, entretanto, nesse momento peço, metaforicamente, que os fechem, fazendo uma introspecção e uma memorização, para terem a possibilidade de encontrar o que carregam dentro de si. E as perguntas para esse exercício seriam: Como todo esse armazenamento interno foi construído? Quais as relações que estabeleceram com o vasto armazenamento externo? Como me sinto nesse meio? Como enxergo esse todo? Podemos (re)inventá-lo?

Poderia fazer essas perguntas em relação a qualquer lugar, mas, aqui, olharei para um lugar em especial, o lugar reconhecido como espaço escolar. Um pouco mais específico: para o que acontece nesse espaço, no que compreendemos sob o nome 'educação'. Educação que por vezes (que chegam a serem muitas) é referenciada apenas como instrumento de carregamento de informações nas pessoas. Compreendendo assim, quando são terminadas as fases escolares se entende que o indivíduo está, por completo, carregado de todas as informações que o ensino poderia ter lhe dado nesse prazo de tempo. Lembrando que digo informações, não conhecimento, mas isso ficará mais claro para o leitor mais tarde. Todavia (voltando a falar da educação) se é esquecido ou, por descuido, deixado de lado que também nesse meio está acontecendo constantemente a construção do próprio ser.

Escrevo este TCC no ano de 2016. Ano de minha formatura. Ano em que o sistema político brasileiro entrou em colapso. Ano em que em um ato questionável se feriu a constituição brasileira retirando a presidente Dilma Rousseff¹ de seu cargo. Ano em que as artes visuais, dança, teatro, música foram incluídas no currículo dos diversos níveis da educação básica. Ano que em detrimento a essa conquista, se escutou a notícia da possível retirada da obrigatoriedade das artes, educação física,

¹ Primeira mulher eleita para presidir o Brasil. Assumiu a presidência da república em 2010 até o ano de 2016 quando sofreu processo de impeachment que a retirou de seu cargo.

sociologia e filosofia do ensino médio², que para alívio e certa desconfiança o Ministério de Educação (MEC), admitiu a divulgação da versão errada da medida provisória. Ano em que os estudantes ocuparam os espaços escolares em luta pela educação que não estão tendo³. Neste mesmo ano, no semestre de término desta pesquisa, alguns preceitos dos estudos histórico culturais me chamam a atenção à observação desse “eu-ser” em relação ao contexto que estou vivendo. O ser está permanentemente impregnado de seu contexto de existência. Não diria que somos um reflexo, mas, estamos operando a partir do que nos rodeia. Somos seres que habitam uma certa conjuntura histórica e que, conscientes disso, somos capazes de fazer da compreensão uma problematização; da reflexão, uma invenção. Todos esses acontecimentos reforçaram em mim a necessidade de conversar sobre arte, educação e construção do ser - e as relações entre eles e como estão permeados um pelo outro. E também em como que “eu” artista-educadora poderia / poderei propor algo efetivo para colaborar com a construção desse sistema.

Faria aqui uma segunda proposição: Revisite seu dia-a-dia e também as lembranças mais antigas do seu ser estudante dentro e fora de sala de aula. Quais as memórias que se sobressaem ao falar de educação? Como eram ensinados os conteúdos? Você tem lembranças dos conteúdos disporem de conexões com seu contexto? Existia alguma preocupação de serem compreendidos em conjunto e relacionados com a realidade vivenciada no momento? Pensar na educação como algo à parte - a colocando dentro de uma bolha nomeada de espaço escolar, onde este se encontra em uma bolha maior sem relações com o contexto em que está inserido -, causa tremores em meu corpo. A meu ver, a partir das minhas vivências, percebo os espaços escolares delineando uma educação que parece inibir a tomada de consciência para a construção do ser. Inibir e não, impossibilitar, pois mesmo de olhos vendados, a construção acontece. O que talvez falte é uma educação que deseje antes de tudo que o estudante tome consciência de que é um ser inventor, atento e parte da sua realidade. E com isso, é um ser ativo da construção desse meio e não apenas um corpo reprodutor de tarefas pré-estabelecidas. Duarte Jr. (1991, p.33-34), traz a ideia do interesse em que se

² No momento está para ser votado, ainda a MP nº 746 (BRASIL,2016).

³ E neste momento, novembro de 2016, estão ocupando a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (Esefid), assim como outros mais de trinta cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

eduquem os indivíduos para uma lógica de produção industrial, desconsiderando a elaboração de uma visão de mundo a partir do que vivem.

Nestes termos, a escola surge para produzir mão-de-obra para o mundo moderno. Se este mundo está fracionado, que se eduque os indivíduos fracionadamente. Que se encaminhe desde cedo o cidadão para uma visão parcial da realidade. Que se separe razão da emoção. Convém também observar que a visão transmitida pela escola é sempre a visão determinada pelas classes dominantes. Não interessa que as pessoas elaborem a sua visão de mundo, com base na realidade concreta em que vivem, importa, sim, a padronização do pensar, segundo os ditames da lógica de produção industrial. Todos devem ver o mundo da maneira como querem os dominantes, para que a atual situação se mantenha inalterada. Se cada um começasse a formular o seu pensamento de acordo com a sua situação existencial pode ser que se descobrisse determinadas verdades que o fizessem lutar pela alteração dessa situação (DUARTE JR, 1991, p.33,34).

Para tanto, também em minhas vivências pude conviver com pessoas que acreditam e semeiam uma educação sensível e inventora. Nas palavras de Duarte Jr. (1991, p.12), “uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós”. Essas pessoas ao expressarem essa forma de *ser educação* em suas práticas despertaram em mim o gérmen da esperança. Desvendaram meus olhos para as possibilidades de (re)inventar a educação. E assim, propiciaram à tomada de consciência do meu ser enquanto ser inventor, e que por isso hoje, uso o espaço dessa pesquisa como espaço de diálogo. Espaço de manifestação do desejo de uma educação melhor. Para refletirmos sobre um certo (re)compôr da educação, coloco uma questão: nós educadores temos que trabalhar para compreender e, talvez, reformular a ideia do espaço escolar como um lugar possível no mundo. Um lugar difícil, sim, pois precisa se adequar às circunstâncias das modificações contemporâneas.

A possível frustração diante do sistema educacional é importante para que se crie o desejo de mudança. Esse embate pode ser percebido não somente pelos educadores, mas também pelos estudantes, familiares e pela(s) pessoa(s) que pensam o currículo, e, cabe a todos nós essa tarefa de fazer conexões entre a educação e o cenário atual. Talvez o primeiro passo seja compreender que o espaço escolar é feito dessas pessoas, e que elas são parte da constante construção da educação. Assim, acredito ser necessário que muitas pessoas acreditem e amem a educação. Retomo a fala de que uso o espaço desta pesquisa para dialogar sobre o

que acredito, a fim de que possa provocar e convidar os leitores a sonharem comigo... Na possibilidade de traçar outras perspectivas para com o olhar sobre a arte, a educação e como elas podem se realizar juntas. E que a partir disso, não somente sintam o cheiro das possibilidades de (re)inventar, mas que possam despertar o desejo de avivá-las em seu cotidiano. Destaco: cada um fará isso com o que fizer sentido para si.

Um cuidado tenho – e espero que não esteja no subliminar de minha escrita – é que não quero colocar o espaço escolar como o maior vilão da educação, sabemos que esse cenário se dá diante da atual realidade: capitalista, mecanicista, preocupada com o produzir. Todavia, estejamos atentos que esse cenário também é construído por pessoas. E para alguma parcela da sociedade “não interessa a existência de pessoas com uma visão geral, do todo da vida. Pelo contrário: interessam indivíduos com uma visão cada vez mais setorizada, especializado, do mundo” (DUARTE JR, 1991, p. 32). A escola conseqüentemente embarca e joga suas âncoras, ficando presa a este sistema que “[...] inicia-nos desde cedo nas técnicas do esquadramento mental, separando razão e sentimentos” (DUARTE JR, 1991, p.32).

No meu caminho escolhi seguir as artes e enxerguei nessa escolha as possibilidades de tornar esse espaço mais vivo, ativo e consciente disso. Recorro à presença da arte na educação (lê-se também: sala de aula), (re)construindo-a como educação sensível, dos sentidos, que se propõe a ser vista com olhos de quem sonha e, ao mesmo tempo, age para (re)vivê-la. A arte permeia a todo tempo nossa construção individual e coletiva, isso inclui o ser discente, docente, artista e todo ser pessoa, e está acontecendo em todo lugar: rua, casa, escola, faculdade, trabalho, padaria, praça... É possível de se despertar nesse processo uma experiência sensível, estética, crítica e criadora, entretanto a consciência desse permear pode estar por vezes adormecida.

A beleza, ou o seu sentimento, origina-se nos domínios do sensível, esse vasto reino sobre o qual se assenta a existência de todos nós, humanos. Reino, contudo, desprezado e até negado pela forma reducionista da atuação da razão, segundo os preceitos do conhecimento moderno. [...] nossa atuação cotidiana se dá com base nos saberes sensíveis de que dispomos, na maioria das vezes sem nos darmos conta de sua importância e utilidade. Movemo-nos entre as qualidades do mundo, construídas por cores, odores, gostos e

formas, interpretando-as e delas nos valendo para nossas ações, ainda que não cheguemos a pensar sobre isso (DUARTE JR, 2001, p 163).

Daí apresento-lhes o ser docente/educador, que acordou dentro de mim, cheio de amor e esperança para (re)inventar possibilidades de mundos. O educador consciente da construção do ser, a estar acontecendo no espaço escolar, pode assim incorporar em sua prática essa consciência. Instigar o estudante ir para além do conteúdo, a refletir sobre o que se escuta criando suas próprias relações com a realidade e contexto que fazem parte de sua vida. Somos seres históricos-sociais-culturais-biológicos-afetivos, “capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, dignificantes testemunhos, mas também de impensáveis exemplos de baixa e de indignidade” (FREIRE, 2013, p. 51). O educador deve despertar a autonomia do estudante para que esse, consciente de sua presença no mundo, faça suas escolhas. Corpos curiosos e expressivos muitas vezes podados e inconscientes de seu *recheio* sentem-se como se pouco tivessem a contribuir e construir e, por fim, acabam meramente reproduzindo ações.

Refiro-me à arte, em especial à dança, como possível potencializador desses corpos. Despertando a consciência e (re)ativando o corpo dos sentidos. Sentido no maior dos sentidos: corporais, sensíveis, biológicos, relacionais, afetivos, intelectuais. “No corpo de cada aluno se encontram, adormecidos, os sentidos. Como na estória da Bela Adormecida. É preciso despertá-los, para que sua capacidade de sentir prazer e alegria se expanda” (ALVES, 2002, p. 114). Que seja vista a boniteza da arte no espaço escolar.

Ao realizar essa leitura talvez percebamos que somos parte de um imenso meio com o qual nos relacionamos simultaneamente; nossas ações interferem e podem modificá-lo. Como reverberação desse ato, nós também somos modificados. Somos conscientes do nosso modo ativo na construção do mundo? Se sim, por que não acreditarmos que podemos, diariamente, (re)construir esse lugar? Convido a cada *ser leitor* deste trabalho a sonhar e a perceber as possibilidades de construção de uma educação sensível e, assim, de um mundo mais humano.

É preciso mais humanidade para fazer do mundo um lugar melhor, e podemos começar com um olhar mais humano para a educação.

1. DA ORDEM AO CAOS A TODO TEMPO

Aos que aceitaram o convite para o sonhar e, também, aos que ainda estão incertos de sua escolha, já os antecipo de uma certa não objetividade deste trabalho - mesmo que o ato de organizar um conjunto de ideias em texto parta disso. Refiro-me à não objetividade no sentido de que não encontrarão receitas de bolo ou GPS⁴ que os levem de mãos dadas a uma solução. Na verdade, a real intenção é despertar no leitor sensações, lembranças e percepções que o faça acreditar no tempo das possibilidades. Abrir os olhos para si, para o outro, para o todo. Partindo dessa perspectiva, a pesquisa busca trazer um teor de proximidade entre leitura e leitor, fazendo com que ele se encontre semelhante nessa realidade. Não se exclui, porém, a alternativa de que se encontre distinto, ou que tenha algum estranhamento. Portanto para trazê-lo para perto é importante deixar clara a forma com que escolhi falar sobre o tema da pesquisa, assim como o “por quê” do querer falar.

Retomo aqui que esta pesquisa tem como ponto de partida o olhar, o respiro e a reflexão sobre a educação, a arte/dança e a relação de ambas na construção do ser. Busco trazer problematizações acerca do lugar da educação na contemporaneidade e o da arte-educação no espaço escolar. Assim, o objetivo reside em perceber possibilidades da arte-educação como um potencializador de corpos vivos, ativos e conscientes de sua presença e participação na (re)invenção do mundo. Discute-se o ensino da arte/dança no espaço escolar como propositor da educação das sensibilidades, trazendo a hipótese de que ela colabora para a construção individual e coletiva de cada ser e, também, à observação das relações ligadas entre ambas.

Ao longo das minhas vivências presenciei na fala de algumas pessoas um discurso apático e conformado sobre a educação. Dizeres como: “Sempre foi assim, nunca vai mudar!” ou “Sou apenas uma pessoa. Não consigo mudar algo sozinho(a).” Discurso referido por familiares, amigos, estudantes e professores que, ao meu ver, perderam ou estão a perder a esperança e a alegria a respeito da educação. Percebi também que muito se tinha a dizer, mas pouco se dizia sobre o

⁴ Global Positioning System, sistema de posicionamento global. Sistema que, através de um conjunto de satélites, fornece a um aparelho móvel a sua posição em relação às coordenadas terrestres. Aqui está sendo usado como metáfora.

assunto. Nas escolas que frequentei não havia um interesse pela troca de conversas para que se pudesse pensar sobre aquele lugar – exceto aqueles professores que já tinham em suas práticas um ideal de educação diferenciado, e que a eles agradeço. O que estávamos fazendo lá? O que aquele ambiente reverberava em nossos corpos? Quando havia reclamações, pouco se escutava dos estudantes. A espera pela solução era longa. Aos poucos enxergava nascendo em meus colegas o discurso determinista da impossibilidade de mudança. Com isso, talvez, meu desejo de (re)inventar começou a se dilatar.

Mais tarde no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o espaço para o diálogo aumentava, porém como conversar sobre algo que antes nos calavam a boca? E lá se iam futuros professores pelo caminho da aceitação. Isso me inquietava, e, tanto fez meu corpo pulsar que precisei encontrar um meio de conversar sobre. O trabalho de conclusão de curso (TCC) foi, então, uma possibilidade. Então, no caminho de sua realização, me vi num espaço para reflexão, ou mais que isso, para a renovação da esperança. Para assim poder elaborar e problematizar tudo que me inquietava até então.

Acredito nas pessoas como seres (re)inventores do mundo. Acredito na arte como espaço do sensível, do expressar-se. Acredito na educação como espaço social, de trocas, de fala e escuta. Acredito no mundo como espaço de relações. Acredito no movimento, na cor, no som, no cheiro, na esperança e na potência dessas “coisas”, que juntas podem ser ainda mais potentes e (re)florescer os jardins que estão (des)florescidos. Entretanto existe, para mim, a impossibilidade de fragmentar o assunto nesses segmentos de forma distinta, na tentativa de explicar sobre cada um deles individualizando-os do todo. Arte, educação e a construção do ser estão em constante relação no contexto dessa pesquisa e separados acabam por perder o sentido de estarem presentes aqui. Para Morin (2005, p. 45), “o parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender ‘o que está tecido junto’”.

Penso que para eu conseguir falar sobre algo é preciso conhecer, vivenciar para que esteja incorporado em mim, fazendo parte do que sou. Dessa maneira, “o conhecimento, ao buscar construir-se com referência ao contexto, ao global e ao complexo, deve mobilizar o que o conhecedor sabe do mundo” (MORIN, 2005, p.

39). O cerne deste trabalho é a relação entre as perspectivas de arte/educação/construção do ser no contexto no cenário atual, em conjunto com minhas vivências enquanto ser - pessoa/discente/docente/artista – e abordagens teóricas a partir dos autores, cujas leituras fazem meus olhos brilhar. Um movimento de (re)significar minha presença no mundo, a partir desta relação: questão motivadora da pesquisa / vivências da pesquisadora / bibliografia escolhida como suporte teórico. “Esse é então o mecanismo do conhecimento humano: um jogo (dialético) entre o que é sentido (vivido) e o que é simbolizado (transformado em palavras ou outros símbolos)” (DUARTE JR, 1991, p. 21).

Para embasar esta pesquisa busquei a leitura de autores que gerassem algum “mover” em meu corpo. Que me levassem a viajar pelos caminhos de suas escritas e que, ao término dessa viagem - que não acaba -, eu estivesse instigada pelo que conheci. Esses conhecimentos também formam a minha bagagem, que escolhi levar comigo como modo de ser/estar no mundo.

Apresento-lhes então os autores que me acompanharam nesse processo de escrita. Rubem Alves faz de suas palavras-poesia, e quem as lê consegue sentir o seu amor pela vida. Educador romântico que reforça em mim a esperança de um lugar mais sensível e humano para a educação. Paulo Freire me faz sentir ser possível o *educar para transformar* e que para isso é preciso aprender a ler o mundo. Acreditar no tempo das possibilidades; que somos seres inacabados e, por isso, estamos nos construindo dia a dia em relação constante com o meio. João Francisco Duarte Jr propõem realidades possíveis para a arte-educação, acreditando numa educação sensível com um olhar para o mundo ao nosso redor e com a arte permitindo despertar diferentes sentidos. Isabel Marques que pensa a dança enquanto arte e sobre o seu ensino, trazendo propostas de ensino e aprendizagem em dança em relação ao mundo, construindo sentidos. Seguidora de Paulo Freire, ela me aproximou das possíveis relações entre dança/arte e educação, assim como a importância das relações que criam sentido nos nossos atos cotidianos. Cada um desses autores me encantaram pela pessoa (re)inventora que são, pelo seu fazer pela arte e pela educação. A escrita é um ato de luta que, ao chegar aos leitores, pode ser fortalecida pelo também desejo de mudança existente nas pessoas que a possam ler.

Durante o processo de pesquisa, realizei um exercício autobiográfico; decidi por trazer ao texto esses dados. Essa opção está respaldada por Araújo Alves (2015) que, ao falar sobre pesquisa (Auto)Biográfica, aborda a narrativa como uma forma de pesquisa que

[...] permite que possamos estudar, escrever, recompor e compreender as narrativas e trajetórias de vida como processos de investigação e formação que nos permitem (re)pensar quem somos, pensamos, agimos como professores educadores em constante (trans)formação de si (ALVES, 2015).

Nesse sentido, percebo esta pesquisa como um processo de reflexão a partir do investigar a si e do olhar para o que permeia tudo isso. O que me avivou a noção de que somos seres que fazem parte da construção do mundo e que, por isso, nos (re)construímos a todo tempo. Assim como os pensamentos que percorrem um fio infinito de ideias, somos constituídos de lembranças e sonhos. Esse emaranhado é carregado de ligações que navegam a um lugar sem início ou fim.

Devemos compreender que, na busca da verdade, as atividades auto-observadoras devem ser inseparáveis das atividades observadoras, as autocríticas, inseparáveis das críticas, os processos reflexivos, inseparáveis dos processos de objetivação (MORIN, 2005, p. 31).

O curso desse fio chega à relação da ordem e desordem constante e necessária para que o que desejo expressar tenha algum sentido para mim e permita que os outros possam, também, criar seus sentidos por meio de suas ideias, lembranças, sonhos... Se parto do caos de ideias (que resultou na escrita do preâmbulo que denominei “Sinta-se convidado”), preciso da ordem para organizá-las. Assim, a ação de contar para alguém faz com que exista uma organização do que se tem a dizer. A ideia é buscar um equilíbrio entre o caos e a ordem, que não signifique um “meio-a-meio”, mas sim o saber transitar pelos dois campos e reconhecê-los como atuantes a todo tempo.

Há certa dificuldade na tentativa de explicar as partes constituintes desse trabalho, pois uma existe na outra e juntas formam um todo. Se o todo é feito por partes, percebe-se que cada uma dessas partes são, também, um todo [pois podem ser vistas a partir de uma autonomia] dentro do todo que as compreende. Trazendo essa perspectiva para a pesquisa, posso dizer que cada seção é parte de um todo que é o TCC. Mas também cada seção é um todo com sua autonomia para

comunicar as ideias contidas ali. Contudo, um está no outro. As seções estão presentes umas nas outras e no TCC e, esse, está em cada uma das seções. Em outras palavras, cito Morin (2005) para explicar o conceito do todo e das partes:

[...] tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira 'holográfica' o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele (MORIN, 2005, p. 37-38).

Imaginem um caminho em espiral; infinito e interligado. Na verdade, particularmente gosto da espiral como imagem do que quero com essa pesquisa. Nessa espiral está a construção do meu ser, de onde parte minhas reflexões de vida e que busco expressá-las ampliando-as no campo das relações com o todo. Ressalto pontos que percebo como instigadores do meu pensar e que estarão permeando constantemente a minha escrita: meu olhar de discente em formação para a docência; meu olhar de artista que quer fazer arte, meu olhar de docente que quer uma educação mais humana; meu olhar de pessoa que quer “avivar” o mundo.

Penso na arquitetura desse trabalho como um mapa que criei a partir do que eu queria expressar para o outro, buscando despertar algum sentido para os leitores. Porém meu anseio não é que ao fim da leitura o sentido seja o mesmo para todos, nem que as considerações finais sejam as mesmas que a minha. O ato de ler é também um ato de criação particular, onde cada um faz suas relações com o que carrega na bagagem de vida. A compreensão e interpretação são diversas em possibilidades e diferenças. Quero aqui que se sintam parte inventora, pois como escreve Duarte Jr (1991, p. 48), “o sentido do texto é muito mais ‘vivenciado’, ‘experenciado’, durante a leitura do que decodificado racionalmente”.

Em resumo, estruturei a escrita de minha pesquisa da seguinte maneira: Um preâmbulo, no qual me permito convidar o leitor a embarcar nesta leitura, introduzindo o tema da pesquisa. Esta seção – *Da ordem ao caos* -, no qual pensei ir afunilando questões conceituais que se formaram ao longo do processo de pesquisa, buscando deixar clara a forma com que aconteceu esse processo. Na

seção a seguir – *O despertar do querer ser* -, a ideia é a reflexão sobre o despertar do ser artista e educador, questionando algumas perspectivas do fazer dessas áreas, assim como o ato do trabalho num contexto mais amplo. Nos demais, respectivamente, converso sobre o processo de formação acadêmica relacionando-a com a formação do ser como ser humano, e assim pensar sobre o desenho desse caminho. A partir da última seção – *O desenhar dessa formação* - procuro aprofundar posteriormente no *Processo do respingar-se* a respeito das relações entre ser artista, educador e pessoa, problematizando sobre a existência de um ser no outro.

Todos esses apontamentos buscam investigar questões que eu acredito ser preciso revisitar para a compreensão das relações da arte/dança dentro do espaço escolar, permeando a construção do ser. Assim, antes de concluir a pesquisa discuto na seção *A boniteza da arte no espaço escolar* sobre essa relação, discorrendo sobre as possibilidades da arte-educação como potencializador de corpos vivos, ativos e conscientes de que são seres parte de um meio e que assim participam da construção desse lugar. Esse lugar compreendido de um coletivo com o qual há relações que o permeia. Dessa forma se construiu o esqueleto da escrita, que também é um ato de criação preenchido de escolhas a partir de vivências que tive ao longo do tempo.

2. O DESPERTAR DO QUERER SER

O que você quer ser quando crescer?

Durante nossas vidas passamos diariamente por momentos de escolhas. Algumas pela obrigação de escolher, outras espontaneamente sem que seja preciso explaná-la aos outros, ela é para si. Sempre nos perguntam o que queremos ser quando crescer, como se não pudéssemos ser e nem decidir o que queremos ser naquele exato momento. Por um segundo, tenho a sensação que esse “ser alguma coisa” está inteiramente vinculado às profissões. Viemos construindo essa cultura de uma sociedade em “linha de produção” para gerar capital, e hoje nos vemos reféns desse sistema. Já não basta responder ao que quero ser quando crescer com uma simples profissão; ao que me parece, os que escutam querem ouvir as de grande renome: médica(o), advogada(o), juíza, jogadora de futebol – algo que poderia conferir algum status financeiro bem-sucedido. Na conjuntura atual, talvez algumas pessoas achariam um tanto gracioso se uma criança quisesse ser professor(a), visto que as crianças brincam com isso, por exemplo... Porém se na sua adolescência a resposta se mantivesse a mesma, ela poderia, talvez, ser aconselhada a pensar melhor sobre sua escolha. Afinal, qual a importância do professor na sociedade? Ou melhor, como a sociedade enxerga o professor?

No presente capítulo busco a reflexão sobre o despertar do querer ser artista e educador, problematizando não somente as perspectivas que essas profissões são vistas pelas pessoas numa sociedade, mas também a própria forma com que se dão os olhares para o papel da profissão em geral, no que tenho percebido. Os questionamentos acima estão na superfície de algo mais profundo. Creio que antes de escolher uma profissão para sua sobrevivência na atual realidade, é preciso se perguntar: por quê? Por que quero isso para minha vida? Isso que escolhi faz parte do que sou? Algumas pessoas chamam de desejo, outras, de vocação; particularmente, gosto da ideia da vocação, pela etimologia da palavra, que remete a ‘ser chamado’. Falando do “ser professor”, antes quero dizer que aprendi a gostar de usar outra palavra para nomear o que eu queria ser: educador. Rubem Alves nos traz uma compreensão da diferença entre ser professor e ser educador, que, relacionando com o contexto em que estamos inseridos, nos abre os olhos, ou, nos

provoca: “Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança” (ALVES,1985, p.11).

E continua:

O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita o mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema (ALVES,1985, p. 14).

Entendo que, para além de uma problemática terminológica, o que está em jogo é uma atitude. Posso me chamar professor, educador, mediador, o que importa, na verdade, é o motivo; o que me move para estar ali, nesta condição.

Querer ser vai além do acalento de ter uma profissão, e sim, por acreditar nessa escolha e perceber que ela reverbera não somente a si, mas no todo em que se insere; isso não invalida que a pessoa que optar em ser professor encare isso como sua profissão. E que isso se alie, sim, à sua vocação. Entristece pensar que hoje em dia as pessoas possam ter medo de fazerem o que gostam, e se deixarem levar ao caminho mais cômodo ou pelo mais aceito pela valorização monetária de uma sociedade, que os garantam a tal estabilidade que enlouquece. Uma zona de neutralidade - termo que criei para me referenciar ao comodismo, sem vontade de ir atrás de seus anseios -, que os tornam neutros perante a vida. Tornam-se (re)produtores e continuam mantendo a cadeia da sociedade, num certo funcionamento cômodo. Neutros, deixam de acreditar nos sonhos. Neutros, se acomodam com a realidade e os fatos. Neutros, se acham incapazes de (re)inventar o mundo.

Escolher o que quero ser é um amar, é se sentir parte e assim encher-se disso. Na verdade esse processo vai acontecendo inconscientemente a partir das vivências que temos. E quando chega aquele momento em, que com o corpo cheio, sente-se que é preciso transbordar. Colocar para fora, não no sentido de “jogar fora” e sim de dilatar-se a um campo que aquilo que acredita chegue ao outro. Assim, desperta-se o querer ser...

Assim se inicia a saga de Zaratustra, com uma meditação sobre a felicidade. A felicidade começa na solidão - uma taça que se deixa encher com a alegria que transborda ao sol. Mas vem o tempo em que a taça se enche. Ela não pode mais conter aquilo que recebe. Deseja transbordar... ...A felicidade solitária é dolorosa. Zaratustra percebe então que sua alma passa por uma metamorfose. Chegou a hora de uma alegria maior – a de compartilhar com os homens a felicidade que nele mora. Seus olhos procuram mãos estendidas que possam receber sua riqueza. Zaratustra, o sábio, transforma-se em mestre (ALVES, 2010. p. 85).

E é assim que me sinto, na minha escolha de ser professor, com esse desejo de transbordar.

Para mim, ser educador é vivenciar diariamente a alegria das relações de trocas. De poder ver o brilho nos olhos dos educandos nascendo ou renascendo. De enxergar os corpos (re)avivarem. De perceber os mesmos em movimento, com desejo de fala. Ser educador é vivenciar diariamente a tristeza do atual sistema educacional. De poder ver a instituição afastada do todo. De enxergar a realidade querendo acinzentar os corpos. De perceber os mesmos sendo paralisados pelo sistema, desejando-os mudos. Não obstante, a existência dessa tristeza também é parte do que me faz transbordar e querer ser educador. Pois inquieta e incomodada; luto, para (reinventar) a educação, e sendo parte, o mundo também.

Nessa prática, meu desejo é despertar a percepção das possibilidades de transformação e, assim, convidar os estudantes em conjunto aos que trabalham junto, no mesmo ambiente, a trabalhar em colaboração por uma educação mais viva. Ter a graça de inventar soluções e de convidar o outro a fazer parte desse invento. Reforço aqui que as instituições são feitas de pessoas. Logo, seria possível que as pessoas pudessem modificar as instituições? A partir de suas motivações, pelo fato de querer modificar o que não lhes parece a contento, acredito que sim. Entendo o educador como possível, ou seja, o 'ser' com esse poder de detectar as faltas da instituição; de convocar seus pares, seus alunos – a partir de sua criatividade, para transformar aquele ambiente. Para *contaminar* os outros colegas a quererem transformar a instituição.

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma 'estória' a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma 'entidade' *sui generis*, portador de um nome, também de uma 'estória', sofrendo tristezas e alimentando

esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal (ALVES, 1985, p. 13).

Precisamos de pessoas apaixonadas no ambiente escolar, pessoas atentas e inventivas. É importante também, que não nos agarremos conceitualmente numa ‘vitimização’ perante as instituições, e sim, na invenção, na proposição de nova e possíveis formas de se fazer uma escola melhor.

Mas e o ser artista? Esse se encontra tanto quanto o educador, visto com olhares atravessados. Fazer com que a sociedade enxergue a potência da arte numa cultura que a reduz a rótulos tornando-a algo à parte, parece tão distante quanto fazer acreditar nos educadores. O centro de apreciação artística passa a ser a mídia televisiva; nas escolas a arte vira feitos para datas comemorativas – o que não descarta, em absoluto, que a dança possa se inserir nessas datas, congregando a comunidade do local – basta que saibamos elaborar estratégias para não sermos ‘apenas’ a cerejinha do bolo. E na vida ela vai sendo cada vez mais, momentos isolados onde a pessoa pode relaxar de sua corrida maratona diária de tarefas.

Como a arte se aproxima de um conceito de felicidade, acaba sendo desvalorizada como escolha para a vida. Afinal, o ato de trabalhar, muitas vezes, está associado com a ideia de ser triste desestimulante e opressor... Trabalhar com algo que, aos olhos de quem vê, parece pura alegria, não é trabalho. Ironias à parte, pela minha experiência de vida, percebo que algumas pessoas acabam impondo um grau de negatividade ao ato de trabalhar, ao ver a arte rotulada acabam por diminuir essa escolha por algo “fácil”, tirando seu mérito. Mas desde quando precisa ser difícil? Ou, para algumas pessoas, o trabalho artístico é visto como gratuito, fácil ou relaxante. Fazer arte por amor. Sim, a arte é feito por amor, com amor em sua profissão. Assim como qualquer profissão deveria ser exercida com amor e por amar. Mas, esta, quem sabe, seja a nossa utopia.

Se focarmos na dança enquanto manifestação artística como profissão, os olhares podem ficar ainda mais perplexos. Afinal, escolher o teatro, música ou artes visuais até entende-se, visto que existem atores, cantores, pintores... Mas dança? Vai ser dançarina de um programa televisivo (para não dar nome ao mais lembrado). Exatamente. Posso trabalhar sendo dançarina de um programa televisivo, entretanto não cometamos o equívoco de reduzir a dança a um único foco de trabalho. Não

culpo as pessoas pela não compreensão, o contexto atual infelizmente toma a frente de depreciar a cultura⁵. Com isso o distanciamento da sociedade para com as artes, aquelas encontradas nos teatros, museus, casas culturais e nas ruas. Sim nas ruas, pois até em espaços cotidianos a arte é vista com estranhamento. Com um não entendimento em comum da arte como trabalho, criam-se dificuldades para ser um bailarino/ dançarino de uma Cia de Dança cuja forma de sua subsistência saia das temporadas apresentadas, todavia esse campo de trabalho existe.

Podemos ser professores, ensinando dança em escolas informais, e, também com a publicação da nova Lei nº 13.278/2016 de 2 de maio de 2016 (BRASIL, 2016), que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei nº 9.394/1996), incluindo artes visuais, dança, teatro e música nos currículos dos diversos níveis da educação básica. Contudo, até nos espaços escolares a arte, em especial a dança, é atravessada por rótulos e clichês construídos pelo senso comum por meio de questões histórico-culturais. Para Goldeberg (2014):

Quando focamos no campo da docência na área de arte, vemos um campo aberto, cheio de possibilidades, mas ao mesmo tempo limitado e impregnado de estigmas e estereótipos construídos historicamente, especialmente quando se trata de ensino formal, na rede pública, na educação básica, espaço de grande carência na área de arte. Um campo a ser (re) descoberto e ocupado qualitativamente por experiências formativas significativas (GOLDEBERG, 2014, p. 28).

Volto a lembrar: o campo da dança é amplo, porém algumas vezes acabamos o reduzindo. Dança é arte. É expressão. É movimento. É corpo. É conhecimento. E ainda há um desentendimento da arte, e aqui falando da dança, como campo de saber. Se é esquecido que ela é cultura, digo-lhes que ela é e tem história; que é e está no social. Assim, talvez pela falta dessa informação e conhecimento, muitas pessoas a desvalorizam e negligenciam esse campo de trabalho.

Todos esses apontamentos conduzem a um aspecto mais concreto do pensar. Porém a sociedade pode não perceber a potência das artes por tocarem nelas o que hoje é escondido em um lugar tão secreto, que até seu possuidor por vezes não consegue trazer para fora: sentimentos. Sentimentos no sentido de sentir e expressar. É triste, mas hoje se pode dizer que é feio sentir. É errado amar,

⁵ Neste ano de 2016 vivemos a extinção e a volta do MinC (BRASIL, 2016).

chorar, sorrir, ser feliz ou triste, ser quente, acreditar, sonhar. Olhar e sentir-se tocado. Ouvir e querer falar. Hoje nos querem frios, secos e neutros. Querem seres acomodados, que escutem e baixem a cabeça. Que olhem e fechem os olhos. Envoltos disso, ao ir ao encontro de qualquer forma de arte, encontram-se confusos com o que aquilo causa, tentam negar e se distanciar. Não porque querem, mas por estranharem aquelas sensações. Uma inquietação não compreendida causada pela não compreensão daquilo.

O artista não diz (um significado conceitual), o artista mostra (os sentimentos, através de formas harmônicas). O artista procura concretizar, nas formas, aquilo que é inefável, inexprimível pela linguagem conceitual (DUARTE JR, 1991, p. 46).

Transbordando em meu corpo tudo isso, nasceu o meu despertar para querer ser; artista e educadora. Confesso que primeiramente meu desejo era ser artista, mudar o mundo através da arte. Expressar com a dança meu modo de estar no mundo. Fazer com que ela chegasse e tocasse as pessoas de alguma maneira. Causando sensações. Poetizando aquele momento da vida delas. E simplesmente acreditar que eu posso fazer o que eu gosto para a vida. Eu gosto de dançar. Mas caí no *merchan* da desprofissionalização da dança, desacreditando na sua área de atuação.

No ano de 2012, mesmo já existindo uma graduação em Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para qual prestaria vestibular, a deixei como desejo escondido e comecei a cogitar outros cursos. Ao contrário do discurso de muitas pessoas que optaram a dança, foram meus pais que buscaram meu desejo de seu esconderijo e me entregaram: Por que tu não fazes dança, se é o que tu gostas? Nesses momentos, perceber a motivação e apoio dos pais para ir atrás do que queremos é felicidade. E, em 2013, entrei nesse novo mundo. Dei de cara com a grandeza que eu nem imaginava. Só com o tempo fui entender que o curso era uma licenciatura, eu estava ali para aprender a ensinar. E então me encontrei. Tem forma melhor de fazer com que a arte faça parte da vida das pessoas, possibilitando que elas mesmas vivenciem a arte em seus corpos? Que não somente apreciem e conversem sobre, mas que movimentem, expressem. Que sejam arte. Que eles mesmos criem e (re)criem seu cotidiano e possam (re)floreecer o mundo ao seu redor. Que dançam e sintam. Que voem. Percebi meu

sonho já voando: a possibilidade de criar possibilidades de (reinventar) o mundo. Estou me construindo como ser artista e ser docente, dentro da minha inacabada construção de ser.

Se podemos ler a dança ao dançar, compor dançar, apreciar danças, produzir danças, ensinar, pesquisar sobre dança, essas mesmas atividades também são, portanto, formas possíveis de ler o mundo, de estabelecer relações com os contextos que nos atravessam, nos constroem e nos educam (MARQUES, 2010, p. 33).

Contado o meu despertar, volto, para terminar essa seção, à problematização de uma compreensão comum que você percebe a respeito do conceito de trabalho, em específico, a dança para a sociedade atual. Aí está uma questão que se encontra cada vez mais intrínseca. Trabalho como moeda de troca para o capital. Exercer tarefas que devem ser cumpridas para obter sucesso e dinheiro. Compreendo que precisamos do capital para viver, entretanto o que quero retratar aqui é a significação da ação de trabalhar - que ela se expanda para além do recebimento desse capital. Acredito que o “trabalhar” é um ato de constante criação. É desejar chegar a algum lugar com isso, não somente gratificações a si mesmo, mas que aquilo se faz floresça e reverbere no todo. Sinto minha garganta sufocar ao perceber o sistema vendando a sociedade para si mesma e para o todo que está inserida. Pois ao se dar conta da potência da sua presença no mundo, enquanto ser em construção - e que como parte está construindo o mundo -, pode agir. Mas, as circunstâncias que percebo são de uma possível sociedade que, cega e um tanto inconsciente, não desperta isso dentro de cada um e cai na neutralidade da aceitação do que estamos vivendo. Essa neutralidade tem a ver com um estado de apatia.

3. SOBRE O DESENHAR DESSA FORMAÇÃO

Reporto aqui, novamente, a imagem da espiral como desenho da minha formação. Um caminho inacabado, preenchido de constantes relações que são criadas ao longo de minhas vivências. Sobre os espaços de formação, acredito em todos como possíveis. Para quem transfere todo o poder de formação à academia, saiba que talvez esteja imerso a um equívoco. Contudo são pontos de vistas que, mais uma vez, estão ligeiramente ligados ao nosso contexto social/histórico/político/cultural atual. Do meu ponto, não existe algo ou alguém em específico que nos forme, mas sim um conjunto de imensuráveis “coisas”. Cada ser desenha sua própria formação, a partir de suas escolhas. As pessoas que passam por nossas vidas, sejam amigos, professores, família, amores ou até mesmo alguém com quem se compartilhou breves conversas, assim como nossas experiências nos dão o suporte para conhecermos diversas perspectivas que nos abrem possibilidades de escolha. Escolhas essas do que desejamos levar conosco e o que queremos descartar. Na verdade reformulo a frase, pois, visto que é preciso conhecer o semelhante e o distinto para optar, conseqüentemente ambos fazem parte do que somos. Conhecemos o que nos incomoda e o que nos enche de amor. Sim, amor. Rubem Alves com seus escritos recheados de poesia transparecem amor, e me faz acreditar que do amor se faz a arte de viver.

A palavra amor se tornou maldita entre os educadores que pensam a educação como ciência dos meios, ao lado de barcos, remos, velas e bússolas. Envergonham-se de que a educação seja coisa do amor – piegas. Mas o amor – Platão, Nietzsche e Freud o sabiam – nada tem de piegas. Amor marca impreciso círculo de prazer que liga o corpo aos objetos. Sem o amor tudo nos seria indiferente – inclusive a ciência. Não teríamos sentido de direção, não teríamos prioridade. [...] Mas a vida, toda ela, é feita com decisões e direções. E essas direções e decisões são determinadas pela relação amorosas com os objetos (ALVES, 2002, p. 113).

Antes de tudo estamos constantemente nos formando enquanto ser com seu modo de ser/estar no mundo, a partir de suas relações com o meio. Essa construção reverbera nas escolhas e no caminho das outras formações – artística, docente, discente. Pensemos que ao longo de nossas vidas decidimos ir para diversas direções, que aos olhos fragmentadores são distintas – ora é isso, ora é aquilo. Todavia, se abrirmos nossa visão para a complexidade que Morin (2005) aborda -

como “o que foi tecido junto” -, compreendemos que essas direções estão correlacionadas. Novamente imaginem a imagem da espiral como caminho infinito: o planeta é um todo do qual somos parte; nós somos um todo individual preenchido de partes que nos fazem ser; cada parte do que somos é um todo com as partes que a compõe. E assim num fluxo sem fim... Ou seja, tudo é parte e todo, tudo é todo, tudo é parte. Minhas relações com o todo constroem o que sou, e minhas escolhas partem dessa construção. Escolhi ser artista-educadora, e esse modo de ser só existe pelo que sou/estou sendo. Assim como a artista e a educadora existem uma na outra. Uma relação mútua entre seres.

Unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa... O conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir estes dados: não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras (MORIN, 2005, p. 38).

No próprio processo de reflexão da nossa formação nos percebemos estando em diferentes fazeres desse caminho. Somos bailarinos dessa história, pois dançamos seu desenho – variando entre sequências de movimentos pré-estabelecidos e improvisos. Somos coreógrafos, pois somos criadores desse desenho, compomos o movimento que nos faz mover. Somos diretores, pois organizamos esse desenho conforme nosso querer que se relaciona com nossa bagagem de vida. Somos espectadores, pois sem a certeza do que está à nossa frente, em algum momento ao olhar para si nos questionamos sobre esse desenho: será que é isso que eu quero? Será que estou sendo como quero ser? Somos nós que praticamos esses fazeres vinculados ao processo de formação, que se constitui a partir das diversas relações com o todo que carregamos conosco ao longo da vida.

Araújo Alves (2015) traz em seu estudo, referenciando Nóvoa (2010) que “ninguém forma ninguém”, o que nos leva a compreender que o próprio indivíduo significa e escolhe a trajetória de sua própria formação, levando a um trabalho de reflexão sobre o próprio percurso de vida”. Por isso entendo as instituições de ensino não como detentoras da formação do ser, e sim como *espaços* de formação assim como os espaços comuns – casa, praça, rua, teatro que também são de formações. Entretanto não podemos ignorar que a academia é um espaço pensado

e criado para tal fazer – a formação profissional, proporcionando o encontro com o conhecimento sobre o saber escolhido.

Quando entrei na graduação em Licenciatura em Dança as UFRGS, um dos primeiros dizeres que ouvi de um professor foi para que não achássemos que nossa formação caberia apenas à instituição em que estávamos, mas que fossemos buscá-la para além do curso. Ao longo da minha experiência discente esse dizer começou a fazer sentido, percebendo a graduação não como fabricante de seres formados para o mercado de trabalho, e sim como um despertador da autonomia do ser em face à sua formação. A partir da consciência dessa autonomia me vejo responsável pelas escolhas feitas para o desenhar dessa formação. Percebo que cada professor não estava ali para me dar uma dose de conhecimento pré-moldado sobre ser artista-educador, onde ao final da licenciatura eu estaria com o carregamento completo. Cada professor esteve ali para compartilhar comigo suas lentes para que eu conseguisse enxergar diferentes possibilidades de escolha do que eu quero ser. Esses seres artistas educadores compartilharam seus saberes sobre o seu próprio modo de fazer arte-educação, nos levando a um olhar para as variadas perspectivas desse caminho escolhido. Está em mim, e assim em minha formação artista-docente, o ensino, a dança, o modo de estar e se colocar no mundo de cada professor. Ou seja, essa formação se dá também na resignificação do que agora me permeia, em relação com as minhas bagagens.

Destaco a importância da tomada de consciência desse processo de formação que está constantemente e permanentemente acontecendo aberto às transformações. Isabel Marques (2010), ao falar sobre as interfaces dança/mundo, traz o corpo contemporâneo, transitório e em constante remodelação que para mim dialoga com esse movimento que está/é o que somos.

Nossos corpos, contemporâneos, são corpos de passagem, em constante remodelação, na dependência de quem como, onde e por que transitam informações, sensações e questionamentos, conhecimentos, enfim. [...] Nossos corpos- transitórios, maleáveis, fluidos- são zonas de encontro sem começo nem fim com as quais os diferentes papéis sociais, na dança em interfaces com o mundo, são reconfigurados, ressignificados. São nossos corpos que permitem e conduzem esse fluxo entre os papéis e as funções sociais, pois são permeáveis às experiências cotidianas (MARQUES, 2010, p. 48-49).

São muitas as questões que poderiam ser levantadas sobre o papel da instituição na formação, todavia preferi ter um olhar especial para três delas, por estarem a todo tempo incorporadas e vivas na formação que estou desenhando. A partir das minhas vivências pude enxergar minhas escolhas sobre o ser professor sendo guiadas principalmente pelo meu olhar como discente. Acredito que cada pessoa, ao escolher ser professor, já traz consigo um referencial sobre o professor que deseja ser. Todavia essa imagem criada vai sendo recriada e transformada à medida que se vai ao encontro de outras perspectivas desse fazer, por intermédio da experiência discente. Para acompanhar esse pensamento, Paulo Freire (2013), traz a importância da experiência discente e do olhar para ela, onde

É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor. Para isso, como aluno que sonha com ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje, devo ter como objeto de minha curiosidade as experiências que venho tendo com professores vários e as minha próprias, se as tenho, com meus alunos (FREIRE, 2013. p.87).

Juntamente com essa experiência evidencio algo que para mim permeia a todo tempo a formação docente: o processo de reflexão sobre a prática. Das vezes que tive a oportunidade de estar diante de alunos como docente, pude observar que o pisar em falso e o ir pelo caminho mais cômodo pode ser, por vezes, inconsciente. Relato esse comodismo como a forma de desistir da prática que é criada a partir do jeito que se pensa o fazer docente. Podendo esse deslize acontecer inconscientemente é preciso que haja um momento de reflexão sobre a prática, para que com um olhar autocrítico possa perceber se o saber e o fazer estão caminhando juntos. Assim, citando novamente Freire (2013, p.24), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo”.

Outra coisa indispensável à atenção: a relação professor-aluno - que antes de tudo é uma relação de pessoa para pessoa. O olhar que meus professores tinham para a turma me fez pensar muitas vezes sobre o que seria esse fazer docente. Vivenciei diferentes formas de olhares que como consequência criam diferentes modos de relações professor-aluno. Sou grata a cada um deles - sendo extremista -

dos mais admiráveis aos mais sombrios, pois essas relações seguem reverberando na minha construção do ser artista-educadora. Não compreendo o sentido do querer vestir a imagem do professor mau que cria em seus alunos um sentimento de medo, cobrança e punição. Isso cala os estudantes. Ao mesmo tempo, presencio professores que dão voz aos alunos, que desacostumados a falar começam a sentir que são parte criadora da aula. Esses mesmos professores trabalham dando liberdade ao aluno, que desacostumado a ter liberdade sente-se desorientado, mas talvez um dia entenda que o que os professores queriam é que seus alunos tomassem consciência da sua autonomia diante sua vida discente, - levando para a vida. Entre aqui e ali, me vejo numa busca pelo equilíbrio – conhecer e saber o que levar e como agir nos dois lados.

O entender a arte-educação como uma dualidade foi algo que esteve presente durante toda minha graduação. Não, eu não as enxergo como duas partes separadas – o que não tira a opção de serem vistas separadas por outras pessoas. Dentro do curso de licenciatura em Dança da UFRGS, entre conversas de corredores ou conversas para falar sobre o curso, a problematização sobre o querer uma divisão das disciplinas voltadas a educação e ao artístico aparecia. Toda vez que eu escutava o desejo de alguns alunos em ter de forma mais clara disciplinas com foco no artístico e outras com foco da docência, todo meu corpo respondia assustado. Essa forma de pensar vem carregada de um costume do mundo de fragmentar as coisas, fazendo com que se tenham dificuldades de entendê-las trabalhando juntas. No meu dizer estará presente a minha impossibilidade de, escolhendo ser artista-educadora, perceber esses dois saberes vistos sem constantes ligações entre eles.

Darei mais atenção à essa questão na próxima seção, pois acredito que é preciso ser discutida mais detalhadamente. Antes de irmos para esse aprofundar, cito Rubem Alves (1985) que para mim fica como uma reflexão sobre essa tal formação – docente, artística, pessoal:

Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja nem necessário, nem possível... É necessário acordá-lo. [...] Basta que os chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos (ALVES, 1985, p.26).

Não existem fórmulas exatas, nem treinos pré-estabelecidos em que seguidos nos presenteiam com uma formação profissional plena. Creio que a grande investida da formação esteja na tomada de consciência da autonomia do próprio ser nesse processo que é autor desse desenho. E que continuemos conscientes desse desenhar da formação e sigamos desenhando...

4. PROCESSO DO RESPINGAR-SE...

Primeiramente explico a minha compreensão sobre a impossibilidade da não relação entre os seres que me fazem ser. Para isso volto a falar sobre o todo e as partes. Sou um ser em constante relação com o meio em que vivo ambos, ser e mundo, participando da construção um do outro. Esse ser ao longo da sua vida escolhe caminhos que quer seguir, no meu caso a arte e a educação. Ao realizar esse ato de escolha, está incorporado em mim um modo de se colocar como artista e educador, que é permeado pelo que eu carrego comigo de bagagens e com meio presente naquele momento. O que quero dizer é que vivemos num mundo de relações, onde não consigo enxergar a possibilidade de ignorar o todo e as partes que o compõem para praticar o saber e o fazer escolhido. Enquanto ser, sou o todo das partes que me constituem: mulher-filha-estudante-artista-educadora. Todavia, enquanto ser também sou parte de um todo em que componho. Entre todos e partes estão inseridas as relações que são capazes de (des)transformar, (des)organizar, (re)inventar, (re-des)construir. Isabel Marques ao falar das diferenças entre contatos e relações entre dança e educação, traz Paulo Freire (1982) que

[...] afirma que os contatos são reflexos, enquanto as relações são reflexivas. Contatos são inconsequentes, já as relações, consequentes. Para o autor, os contatos não transcendem, são intranscendentes; transcendentem são as relações. Os contatos são intemporais ao passo que as relações são temporais. Em suma, os contatos são unívocos, monólogos, estáticos. As relações são plurais, dialógicas, transformadoras (MARQUES, 2010, p. 27).

Quando escolho ser artista, o que eu sou respinga nesse fazer, que também responde respingando o artista no meu ser. Assim também com o ser educador. Se pensarmos que essa ação entre seres é uma relação mútua, podemos dizer que há um processo além do respingar no outro, existe o respingar-se (em si). Deixe-me explicar melhor. Se o ser artista e educadora são respingos do que eu sou, e, como resposta o que sou passa a ter essa artista e educadora, estou a todo tempo respingando a mim mesma. Ora, todos os seres são o que sou. No dia em que eu tentei expressar verbalmente a um professor sobre isso, eu trazia um questionamento: o que um respinga no outro? Ao terminar o professor me deixou a seguinte inquietação para que eu enxergasse esse processo como um processo de respingar-se/a si, trazendo uma metáfora que em meio às minhas confusões

compreendi assim: Pensa numa água colorida ou numa tinta, onde tu pingas e sai uma gota dela que não é mais ela, é uma gota. Identifica, isso é gota. É a tinta que não é mais a tinta, mas quando ela cai de volta ela é gota ou ela é tinta? Mas é gota... Mas ela é tinta. E ao fim da metáfora trocou o “se respingando” por respingando-se, a si e aos outros o tempo todo. Percebi que no fundo estava sendo entendida ao ver que foi feita a relação: Porque tudo é todo e tudo é parte. Logo, assim penso, sou a artista que sou, pois também sou educadora. Sou a educadora que sou, pois também sou artista. Assim como sou a artista-educadora que sou, pois sou esse ser que se coloca e se compreende de alguma maneira no mundo. Para Morin (1921, p. 95) “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção”. Seguindo esse pensamento, para compreender as relações entre seres é preciso que eu as identifique e perceba o quão isso já vem reverberando no saber e fazer da área.

O interessante, talvez, seja ter a consciência da compreensão que somos seres de relações. Relações com o meio, com os contextos, com os objetos, com as pessoas, com os sonhos, com o que acontece no mundo ao nosso redor. Existem algumas coisas que só fazem sentido com o tempo, quando vivenciamos o que era preciso para serem percebidas e compreendidas. As experiências de vida nos fazem conhecer o mundo. Um conhecer para além do conhecimento objetivo, criando possibilidades de percepções de olhar para o mundo incluindo as relações que nele existem. Assim, vamos elaborando nossa forma de perceber e de se colocar no mundo a partir do que conhecemos dele. Rubem Alves numa de suas metáforas poéticas faz uma provocação a partir da imagem da cebola cortada ao meio – e pede para que olhem com olhos de criança – com essa metáfora consigo enxergar uma profunda relação com o que quero expressar.

Agora, figure que uma cebola cortada é um modelo do mundo! Bem no centro, lá onde o primeiro anel é tão pequeno que não chega a ser anel, ponha uma criança. Imagine que os anéis são os mundos que ela precisa conhecer para viver. Ela só pode conhecer o anel que a está envolvendo naquele momento. Conhecer é ir comendo o mundo. Quando se come o mundo, ele passa a ser parte do corpo da gente. Mas não é possível comer o que está longe. Só se pode comer o que se pode morder. E só se pode morder o que está próximo. Não é possível pular anéis. Só se pode comer o quarto anel depois que o corpo comer o primeiro, o segundo e o terceiro (ALVES, 2010, p. 09-10).

Com o curso do conhecer o mundo, as relações já existentes podem ser ressignificadas e outras vão sendo criadas, formando teias de relações que produzem os sentidos para nossa vida. Pois “são as teias de relações que constroem sentidos, que ‘impregnam de sentidos cada ato cotidiano” (MARQUES, 2010, p. 28). Contudo a ideia da impregnação de sentidos é mais do que a transferência de informações novas e/ou seguir uma lógica do consumo. Como coloca Marques (2014) ao citar Paulo Freire, esse processo “não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco de tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes” (apud FREIRE, 1983, p. 93). Talvez, ignoramos por vezes que as vivências ao longo de nossas vidas nos fazem conhecer por meio dos sentidos corporais. Nossa percepção, antes de ser encaminhada para o processo mental de conceitualização, parte da escuta, do toque, do olhar, do cheiro, do gosto. Ou seja, como traz Duarte Jr (2001, p. 12) “tudo aquilo captado de maneira sensível pelo corpo, já carrega em si uma organização, um significado, um sentido”. E continua:

De pronto e ao longo da vida aprendemos sempre com o “mundo vivido”, através de nossa sensibilidade e nossa percepção, que permitem nos alimentarmos dessas espantosas qualidades do real que nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção do sentido primeiro (DUARTE JR, 2001, p. 13).

Voltando mais objetivamente para o processo do respingar-se, deixo claro que não existe aqui um desejo de que haja uma única percepção: arte/dança e educação com a imposição de estarem em constante relação. Pelo contrário, elas também existem de forma separada, já que “dança e educação são dois modos de ser e estar em sociedade, de conviver, de estar com, de viver, de ver” (MARQUES, 2010, p. 26). Mesmo separadas há diversos pontos de encontro entre elas. Contudo, o que anseio nessa seção é expressar que a partir de minhas vivências como ser que optou por ser artista-educadora, vejo a impossibilidade de fragmentar esses saberes em meu fazer pessoal e profissional. Marques (2010, p. 26) chama atenção para os atores sociais dessas áreas ao falar que “essas inúmeras correspondências possíveis entre a dança e a educação chamam principalmente para um olhar crítico sobre como estas duas áreas de conhecimento e vivências espaço-temporais estão ligadas entre si por seus atores sociais”. O pensar sobre o ser artista-educador está para além de ser um artista que ensine movimentações de dança, ou um professor

que dance, mas na consciência da existência desses saberes em um fazer de forma em que atuem organicamente. Em um de seus estudos Isabel Marques discute sobre o artista/docente trazendo em sua proposta:

O artista propositor consciente de sua função educacional, um artista propositor educador. [...] O artista/docente é aquele que, numa mesma proposta, dança e educa: educa dançando, dança educando (apud MARQUES, 1999). O artista/docente constitui-se no hibridismo, assim como a dança/educação. O desafio do artista/docente em cena é compreender que, ao dançar, não mostra, propõe; não apresenta, convida; não dança para, dança com público; não ensina, educa (MARQUES 2014, p. 19).

A autora traz nessa citação a palavra cena, o que talvez possa criar a imagem desse artista no palco ou em performance, gerando um certo questionamento. Antes que isso proceda façamos uma reflexão sobre o ato de estar em cena. Estar em cena pede um estado de presença que está relacionado com um estado de corpo atento, dilatado, criativo e vivo. E então pergunto se esse estado confere somente a ação do dançar para? Não estamos em estado de presença no nosso cotidiano? Quando ando na rua, percebo as coisas ao meu redor? E o que está acontecendo? Talvez, percebamos que entre as muitas tarefas diárias e o tempo que parece correr nossos corpos possam estar sendo automatizados, nos tirando o estado de presença naquele momento. Quis provocar essa reflexão para que pensemos sobre como nossos corpos estão. Como meu corpo está hoje? Enfim, para finalizar essa seção, desperto mais algumas questões: Você já parou para pensar nas relações que foram sendo construídas e as já existentes em sua vida? E o quanto essas relações transparecem na sua forma de se colocar/pensar/agir no mundo? As relações, as partes, o todo acontecem em/com nosso movimento. Convido o leitor para o *despertar* de um olhar consciente para essa prática.

5. A BONITEZA DA ARTE NO ESPAÇO ESCOLAR

Nesse ano de 2016 a educação esteve acompanhada do intento dos governantes por novas condições do seu fazer. As mudanças são retrógradas e assustadoras. Enquanto há uma luta por uma educação mais humana e consciente, o poder tenta torná-la uma linha de produção. Ao passo que há um desejo que a escola seja percebida como um espaço de formação dos estudantes para a vida em relação ao meio em que vivem, o poder⁶ quer acrescentar novas premissas que parecem isolar esse espaço como lugar a parte da sociedade. De um espaço das relações, para um espaço das desconexões. De um espaço para a produção do saber para a vida, para um espaço da “cópia e cola” que garanta sermos alguém que entre no mercado de trabalho. Para lembrar, nesse ano o novo governo criou uma medida provisória nº746/2016 que retira a obrigatoriedade das disciplinas de Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia do Ensino Médio, logo após seu conhecimento foi divulgado um erro na versão da medida porém no momento está para votação. Pouco tempo depois colocaram também em votação a PEC 241(55)⁷ que visa instituir um novo regime fiscal para o país, dentre as medidas para isso está limitar os gastos públicos por vinte anos, ou seja, o congelamento do orçamento para saúde e educação. Se não é de causar arrepios é no mínimo temível. Evidente que essa infeliz perspectiva desesperançosa de fazer da educação uma área que produza corpos apáticos, mecânicos, não pensantes, não críticos, não relacionais, não criadores, repetidores de ações para fazerem parte de um mercado que gere lucros para o país, vem sendo percebida há tempos. Todavia, em nossa luta pela (re)invenção desse cenário, esses acontecimentos evidenciam que de fato querem extinguir o verdadeiro fazer da educação. Criam um sentimento de tristeza e medo do tempo que está por vir. Tempo de transições.

Como falar, então, da boniteza da arte no espaço escolar em frente a tudo isso que está acontecendo? Retomo aqui minha utopia. Os episódios atuais alimentam o desejo de luta, de agir pelo sonho de se ter uma educação sensível e um mundo mais humano.

⁶ O atual governo, através das medidas provisórias que está trabalhando para aprovar.

⁷ Proposta de emenda à Constituição nº 55, de 2016 a qual está no senado em discussão (BRASIL, 2016).

Ao propor nossas 'realidades possíveis', a arte permite que, além de se despertar para sentidos diferentes, se perceba ainda o quão distante se encontra nossa sociedade de um estado mais equilibrado, lúdico e estético. A utopia é também uma forma de tomarmos consciência do que existe atualmente, de tomarmos consciência do atual estado do mundo humano (DUARTE JR, 1991, p.68).

Justamente pela existência de uma perspectiva da educação mecanicista é que enxergo a arte como uma possibilidade de desconstrução desse modo operante ou de construção de novas perspectivas. Percebo esse potencial na arte-educação, por meio de uma educação sensível que possa despertar o corpo vivo, que sente e é criativo, mas que por vezes é adormecido pelo sistema. Duarte Jr (1991) ao discutir sobre arte-educação traz que

ela pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo humano. Um processo que envolve criação de um sentido para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares (DUARTE JR, 1991, p72).

O período em que nos encontramos dentro do espaço escolar também é um processo formativo. A formação a que me refiro aqui vai além da conquista de um diploma da conclusão de um ciclo, ela é um processo de construção humana do que somos. Para sermos conscientes disso, acredito que seja necessária a criação de sentido em nossas vidas, em nossos atos cotidianos e com isso produzir sentidos no mundo em que habitamos. Por meio das minhas vivências, consigo perceber a arte como um dispositivo capaz de potencializar essa criação, despertando e (re)ativando o corpo dos sentidos. Vale lembrar que, como trouxe em uma seção anterior – Sinta-se convidado(a) -, menciono a palavra sentido nos diversos sentidos que ela comporta, sejam eles corporais, sensíveis, biológicos, afetivos, relacionais, intelectuais. Afinal, somos compreendidos de todos eles. Essa (re)ativação do corpo dos sentidos pode fazer com que (re)conheçamos a nós mesmos como seres existentes e participantes da invenção do mundo. Despertamos a consciência dessa presença e de que ela não se faz sozinha - estamos nos relacionando constantemente com o outro e com o meio. Dessa forma nos percebemos como seres ativos, pensantes, sensíveis, críticos e expressivos, que conscientes disso, se colocam no mundo a partir de suas escolhas. Freire (2010) ao discutir sobre a

presença no mundo, traz, ao termos essa consciência, a impossibilidade da ausência na construção da própria presença.

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade (FREIRE, 2013, p. 20).

A linguagem é um meio de criar significações e sentidos. Nos espaços escolares a palavra é usada como meio para o processo de aprendizagem, que, muitas vezes acaba por ser um processo de transmissão de informações. Refiro-me às informações e não ao conhecimento pela fala de uma professora que marcou minha vivência discente no Ensino Médio: informação não é conhecimento; informação são peças soltas sem relações; já o conhecimento é o ato de estabelecer e apreender as relações entre as informações e com a realidade. É preciso que a educação desenvolva uma visão do todo em que os estudantes vivem, reduzindo a compreensão parcial e desconexa.

A linguagem é mais que um inventário das coisas: é um instrumento de ordenação da vida humana, num contexto espaço-temporal. Por ela, o homem organiza suas percepções, classificando e relacionando eventos. Por ela o homem coloca ordem num amontoado de estímulos (sonoros, luminosos, táteis etc.), de forma a construir um todo significativo. Através da linguagem o homem relaciona seu eu com os eventos do mundo (DUARTE JR, 1991, p. 39-40).

Assim a dança sendo uma linguagem artística está compreendida de relações que também nos convida à construção de sentidos. Porém ela não está ali para ser o reflexo da realidade, mas sim para proporcionar outras perspectivas de olhares e sentidos produzidos pelo corpo.

Uma das múltiplas redes de relações que se formam em sociedade está na própria dança, por ser linguagem artística: a dança não é ‘reflexo’ ou ‘espelho’ da sociedade, ela é linguagem, uma forma de ação sobre o mundo. A dança compreendida como arte, engendra e propõe, se abre e se desdobra para construção de sentidos, para produção de sentidos no mundo (MARQUES, 2010, p. 138).

Coloco novamente a questão do corpo. Se pararmos para pensar no significado de linguagem, talvez a palavra comunicação seja uma das primeiras respostas. Juntamente, carregamos a ideia de que comunicar-se deduz o uso de palavras. Por isso questiono: E o corpo fala? Antes de qualquer linguagem verbal a dança diz respeito a uma linguagem corporal. Afinal, corpo é movimento, é expressão, é sensação, é cinestésico. O corpo que nosso sistema educacional insiste em querer travar, já que o que tem importância é o desenvolvimento da razão. O uso do cérebro como organizador de todas as informações obtidas em aula. O cérebro não é corpo? O quanto de razão não pode ser produzida pelo o corpo?

Lembro, nesse momento, das aulas de composição coreográfica que tive e no processo de composição, em geral, existe o uso da razão na lógica da organização de materiais, nas tarefas ou jogos para criação de movimentos. No entanto o espaço escolar ignora, por vezes, que “o corpo conhece o mundo antes de podermos reduzi-los a conceitos e esquemas abstratos próprios de nossos processos mentais” (DUARTE JR, 2001, p. 126). Somos seres humanos incorporados de sentimentos: sentimos. Os sentidos corporais despertam sensações que reverberam no nosso modo de pensar e agir cotidianamente. Por sermos seres sensíveis somos capazes de nos colocarmos no mundo com um olhar humano para com o outro e para com a realidade. Apesar disso, vivemos em tempos em que a sociedade reduz os sentimentos ao ponto que sentir possa gerar desconforto.

Na verdade acredito que estamos inseridos num mundo com tantas formas de sentir, que por vezes nos encontramos perdidos e confusos sobre as sensações corporais que são causadas. Vale lembrar que estar perdido e confuso também é uma sensação. Contudo, essa nuvem de estranheza é formada pelo costume de não pensarmos nas emoções já que nos pedem para sermos fortes. Incrível e triste perceber que a imagem de uma pessoa forte e “preparada para a vida”, seja a daquela pessoa que “não se abala”. Talvez eu não compreenda a ideia da existência de um ser que esteja preparado para viver, tampouco alguém que não se abale. Para mim as pessoas vivem permeadas da sensibilidade provocadas pelos encontros da vida. Se não compreendêssemos as pessoas como seres sensíveis,

estaríamos tornando-os seres que agem no modo automático e neutro. Refiro-me a este ponto

porque a colocação humano no mundo é, primeiramente, emocional, sensitiva; a razão (o pensamento) é uma operação mental posterior. O mundo (e a nossa situação nele), nunca é percebido de forma 'neutra', 'objetiva', 'lógica', mas sim emocional. Inicialmente sentimos, depois elaboramos racionalmente os nossos sentimentos (DUARTE JR, 1991, p.42).

Porém isso não retira a possibilidade de sermos condicionados a agir de forma neutra e automática. Identificamos isso nos espaços escolares, onde existe uma sistemática padronizada na forma com que a sala de aula é organizada, na prática de ensino de alguns professores, nas regras para silenciar os estudantes, no método do fazer X punição ou das avaliações. Ora, quantos relatos já foram ouvidos de estudantes descontentes, cultivando uma mistura de tensão e raiva interior sem sentir abertura para expor e expressar o que sentia? Historicamente cultivamos em nossas escolas costumes que aprisionam esses corpos. Chegando ao ponto em que os próprios estudantes passam a acreditar que aquele lugar está para ensinar-lhes a fórmula que os faça conseguir uma profissão, desligando o potencial formador humano desse espaço. Não quero ser genérica. É clara a existência de escolas e de professores que pensam na educação com esse potencial, mas nesse mesmo impasse ainda temos muitas escolas segregadoras, por isso vejo a necessidade do diálogo. Dessa maneira, “o que se pretende é tornar evidente o quanto o mundo hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-os a níveis toscos e grosseiros” (DUARTE JR, 2010, p.18).

Compreender que os estudantes não são máquinas, eles são gente. E que sendo gente são formados de um corpo, pulso, coração, órgãos, sentidos que se relacionam com o mundo; antes de tudo, a partir dos sentimentos, para depois organizar de forma racional o que acontece. Mesmo a informação que chega pelas palavras é sentida, seja lida ou escutada. Digo sobre as palavras para não reduzir a educação do sensível somente para a área das artes, ela é possível nas outras esferas de conhecimento também. Por isso acredito na arte como um *agente potencializador* e, talvez, mediador e inspirador do fazer dessa educação que é possível, no sentido de despertar a tomada de consciência desses corpos em

movimento. Uma educação das sensibilidades através da arte e da educação como possibilidade de diversas perspectivas do olhar para com o mundo.

A arte enquanto linguagem artística tem o potencial de fornecer lentes diferentes e diferenciadas para conhecermos, desconstruirmos, refletirmos e agirmos sobre os cotidianos multifacetados do mundo em que vivemos. A dança enquanto arte do/com/pelo corpo, quer seja em situação educacional, educativa, ou pedagógica carrega em si o potencial de transformação dos cenários cotidianos sociais (MARQUES, 1999,2007 apud MARQUES 2010, p. 28).

Não quero colocar a arte/dança no papel de “salvadora” da educação, mas sim, apontar as possibilidades que seu fazer pode criar para uma educação mais sensível. O ensino da dança também está em constantes desafios para não cair em modelos de ensino mecanicistas, podendo fazer perder seu possível potencial transformador. A arte precisa de constantes reflexões sobre sua prática, para que ela também não entre no sistema linear e fragmentado do ensino. Uma compreensão do ensino da arte que para mim é potente, parte da ideia da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa⁸, que elabora uma abordagem a partir do fazer artístico, da contextualização pelo conhecimento da história, e a apreciação. Então, “a arte em si, trabalhada de forma problematizadora, articulada e crítica, tem também esse potencial transformador – de seres humanos, de coletivos, de instituições e, portanto, da sociedade em que vivemos (MARQUES, 2010, p.28)”.

A partir da concepção de um ensino da arte/dança de forma problematizadora e crítica, torna-se possível despertar nos estudantes a consciência de que são seres participantes do mundo. Que sua presença nesse meio se dá enquanto ser crítico, pensante, expressivo, sensível e criativo. Aí está uma das possibilidades da educação fazer com que os estudantes se vejam e se percebam parte de um todo.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos

⁸ Ana Mae Barbosa é uma das principais referências brasileiras em arte-educação. Ela desenvolveu a Proposta Triangular que consiste em três abordagens na construção do conhecimento em arte: contextualização, fazer artístico, apreciação.

outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2013. p. 42).

A dança enquanto arte que está presente dentro do espaço escolar permeia a construção de cada ser, criando possibilidades a partir da educação sensível de tomada de consciência desse processo. Encontramos nesse fazer a boniteza da arte dentro do espaço escolar e a compreensão do valor e da necessidade de termos a presença desse saber no ensino. Possibilitar que o estudante vivencie uma educação sensível se relacionando com a arte. Assim, perceber a arte enquanto forma de ação no mundo.

ASSIM... ETERNA BUSCA

Adianto um pensamento sob a perspectiva que escrevi esta pesquisa e, também, da forma que compreendo a vida: conclusões permanentes não existem. Como seres inacabados que constroem a si e ao mundo cotidianamente, estamos condicionados às constantes transições de perspectivas, ideais e olhares que se dão pelos encontros ao longo de nossas vidas. Nossas vivências nos conduzem a conhecer o desconhecido e a revisitar o conhecido. Seria equivocado dizer que isso não esteja a se relacionar com a forma com que escolhemos nos colocar no mundo, já que configuram a produção de sentido. Ressalto esse ponto, pois escrevo a conclusão desta pesquisa num momento histórico para o país, que demanda atenção, reflexão, luta e cuidado. Dentre os atuais acontecimentos está a ocupação de diversos cursos da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Brasil, incluindo o curso de licenciatura em Dança do qual estou em ano de conclusão. Esse acontecimento, em especial, me reforça a ideia de que os pontos de vista que estruturam um posicionamento perante a vida são permeáveis. Por isso não percebo e nem desejo nessa pesquisa elaborar conclusões ou promover soluções para as questões discutidas. Acredito que a intenção maior seja apontar possibilidades do pensar e fazer a arte dentro do espaço escolar, compreendendo-a como dispositivo que permeia a construção de cada ser. Por ter a arte incorporada em meu cotidiano observo que ela “se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se” (DUARTE JR, 1991, p. 67). Dessa forma, acredito nessa ação de (re)inventar mundos possíveis, a partir da vivência de uma educação sensível que tenha um olhar voltado para o humano.

A pesquisa desejou abrir espaço para esse diálogo, entendendo que a discussão já foi uma abertura para a criação de possíveis fazeres da arte-educação. Assim como os seres humanos, o mundo é um lugar de transformações compreendido, em seu presente, na forma de gerúndio: não é, está sendo. Não sabemos o que ele será daqui algumas horas, que dirá das mudanças que poderá trazer consigo no dia de amanhã. Entretanto podemos dizer que não será o mesmo, pois “este é o mundo humano: um mundo que suplanta a simples dimensão física,

que existe também enquanto possibilidade; que existe como um vir-a-ser” (DUARTE JR, 1991, p.17).

A consciência da não imobilidade me faz ter mais esperança nas transformações, por isso está presente em minha escrita o meu sonhar. Rubem Alves, também um ser sonhador, inspirou com seus dizeres: “[...] o fato é que todos aqueles que ainda têm a ousadia de falar e escrever, acreditam, ainda que de forma tênue, que o seu falar faz diferença” (ALVES, 1985, p. 24). De fato, acredito que este espaço de conversa, reflexão e argumentação do TCC é, primeiramente, um convite ao leitor para sonhar, junto comigo, com a possibilidade de uma educação mais humana. A partir desse convite, talvez as pessoas possam se identificar e eu possa perceber, ou acreditar que não estou sozinha nessa perspectiva de pensar a arte, a educação, os seres e as relações imbricadas entre eles. Talvez isso já seja um caminho para a mudança, e, seguindo esse pensamento o ato de explicar tudo isso não seria, também, uma possibilidade de vir a ser? Se mais pessoas tomarem consciência de sua participação na construção do mundo e de que esse fazer é possível, ganhamos força para lutar. Sim, lutar. No momento escolho a arte para fazer da educação um lugar diferente da atual realidade e discuto sobre isso, estou lutando. Por isso é preciso “reconhecer que somos seres condicionados e não determinados. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável” (FREIRE, 2013. p.20).

Esse desejo de transformação nasce do incômodo, do descontentamento, da tristeza, da raiva que sinto em face ao cenário atual do país. Um país que não quer educar os estudantes em prol de sua formação para a vida, mas que quer amordaçar⁹, cegar e imobilizar o potencial crítico, criativo, expressivo, sensível do ser humano. Distanciá-lo do ser humano, para o ser máquina. Isso pulsa meu corpo para modificar essa realidade.

Ainda com respeito à atitude criadora, pode-se afirmar que ela se constitui também num ato de rebeldia. Constitui-se num ato de rebeldia na medida em que o criador deve negar o estabelecido, o existente, para propor um outro caminho, uma outra forma, enfim, para propor o novo. O novo surge a partir de um descontentamento com relação ao estabelecido. Nesses termos qualquer ato criativo é

⁹ Refiro-me à *Escola Sem Partido*, projeto de lei do Senado nº193, de 2016 (BRASIL, 2016).

sempre subversivo, pois visa à alteração, à modificação do existente (DUARTE JR, 1991, p. 54).

Quando converso sobre esse sonho, muitos dão aquele sorriso consolador como quem quis dizer: *é impossível, mas deixa ela sonhar, para sonhar não se paga*. Outros não medem dedos para dizer que a mudança não vai acontecer, que nossa realidade é essa e vai continuar sendo. Para esses eu repito, não somos seres determinados e nem vivemos num mundo que constrói uma história determinista. As transformações acontecem quando elas nascem em forma de sonho e de esperança dentro das pessoas. E que, com isso, elas agem a partir dessa semente que brotou em cada ser. Logo sublinho quantas vezes forem necessárias para que as pessoas sonhem e acreditem e façam pelos seus sonhos. Sonhar é um ato de criar possibilidades também. É um ato de tomada de consciência da realidade. Poderia dizer que é um primeiro esboço da ação.

São os nossos sonhos e projetos que movem o mundo. É aquilo que ainda não tenho, que ainda não consegui, que me faz ir à luta; que me faz trabalhar para alterar a 'realidade'.[...] De onde se conclui que a utopia, antes de ser a mera fantasia de loucos e poetas, é um fator fundamental para a construção do mundo humano. Através de visões utópicas o homem desperta para outras realidades possíveis, diversas daquelas em que está inserido (DUARTE JR, 1991, p. 68).

Essa pesquisa contém informações sobre acontecimentos que, um dia serão um marco histórico e que, talvez, ainda não consigamos dimensionar a relevância deles para daqui a alguns anos. Porém, todos esses fatos nos fazem perceber o quão são importantes para a construção da história da dança, do país e nossa. As histórias são construídas a partir das épocas que acontecem, e assim podem transformar as épocas. Digamos que é uma relação de ação e reação. O tempo em que vivemos nos enche de sentimentos, sensações, percepções, conhecimentos que nos fazem agir e nos colocar no mundo de alguma maneira. Esse modo com que escolhemos nos colocar reverbera na história do que está acontecendo, a partir de um passado e presente, para a construção de um futuro. Daí nascem as mudanças, as lutas, as transformações. A dança tem e é história, que foi preenchida pelos acontecimentos globais e que compuseram não somente a história dessa dança, mas também a nossa história – porque carregamos referências dessas histórias. Diria que essa percepção abre perspectivas para futuras pesquisas.

Os temas debatidos nesta pesquisa apontam para uma complexidade, assim como os seres humanos, as relações entre eles e os próprios acontecimentos na conjuntura atual, os quais nos solicitam soluções que requerem diálogos e invenções ou, construções coletivas de respostas. Fugimos talvez de uma lógica dualista do certo ou errado. Por isso é preciso ter um olhar sensível, atento e cuidadoso para com o presente período, incluindo a reflexão sobre a arte-educação e como ela pode permear a construção individual e coletiva de cada ser.

Por fim, reitero que a intenção dessa pesquisa não foi a proposição de uma solução diante dos temas debatidos, mas sinalizar o estado de um eterno processo de busca, visto que somos seres inventores deste lugar chamado escola – e deste lugar chamado mundo. Considero assim como possível o fato de criar perspectivas de mudança, para construir uma educação mais humana. Por sermos seres inacabados em um mundo também em constante construção, nos percebemos cotidianamente em busca de algo, sejam nossos sonhos ou simples curiosidades. O processo de busca já é um caminho para a transformação. Meu pedido final é que se permitam. Permitam-se sonhar e viver esse sonhar. Dancem seus sonhos. Permitam transbordar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A pedagogia dos caracóis**. Campinas, SP: Verus, 2010.

_____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 19º Ed. SP: CORTEZ, 1985.

_____. **Por uma educação romântica**. 8ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

ARAÚJO ALVES, Gislene. **Narrativas de si: Reflexões teórico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica como abordagem de investigação e formação docente**. In: IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação. Rio de Janeiro, 2015.

BRASIL, Medida provisória nº 746, de 2016. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

BRASIL, Projeto de lei do senado nº 193, de 2016. Escola sem Partido. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125666>>. Acesso em 20 Nov. 2016

BRASIL, Projeto de lei do senado nº 55, de 2016. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337?o=c>>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

BRASIL, Requerimento da comissão de Educação nº35, de 2016. Extinção da MinC. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125754>>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba –PR: Criar Edições, 2001.

_____. **Por que arte-educação?**. 6ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOLDBERG, Luciane. **A semente resiliente: arte, docência, experiência e autoformação**. In: Parra, Denise; Primo, Rosa. Seminário Dança Teatro Educação: Invenções do Ensino em Arte. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica e Editora, 2014. p.27-42.

GPS in DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/gps>>.

MARQUES, Isabel .**A Linguagem Da Dança: Arte E Ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

_____. **Artista às avessas, ou: o que a Arte pode aprender com a Educação?**. In: PARRA, Denise; PRIMO, Rosa. Seminário Dança Teatro Educação: Invenções do Ensino em Arte. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica e Editora, 2014. p.9-25

_____. **Dança- educação ou dança e educação? Dos contatos às relações**. In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristine; MARINHO, Nirvana. Algumas perguntas sobre dança e educação. Joinville, SC: Nova Letra, 2010. p. 25-37.

MORIN, Edgar, 1921- **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.